



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Transtorno do espectro autístico: desafio ministerial

Autistic spectrum disorder: ministerial challenge

Helen Cristian Banks*

Resumo

O trabalho cuja justificativa é compreender a relevância do Ministério específico com pessoas do Transtorno do Espectro Autístico (TEA), visando não só o pastoreio das mesmas, assim como de seus familiares, foi delimitado ao contexto da Igreja Cristã. A metodologia utilizada para o trabalho foi à pesquisa bibliográfica, por meio de livros de autores que trataram sobre o assunto como Brenda Darke, Ame Fenton Lee, Marcelo Martins entre outros. O objetivo geral da pesquisa ocorreu em torno da necessidade da inclusão da pessoa com TEA na Igreja, assim como a integração e pastoreio de sua família respectivamente, verificando assim a possibilidade de um ministério específico para pessoas com TEA. Os objetivos específicos definiram o TEA, suas características, a posição da sociedade e da família diante do transtorno, a inclusão diante da deficiência nos pontos de vista da sociedade e da igreja e, a criação do Ministério específico para autistas além de apoio as famílias, aconselhamento pastoral e visitação. Desta forma, considera-se de suma importância a concepção deste Ministério no contexto da Igreja Cristã.

Palavras-chave

TEA (Transtorno do Espectro Autístico). Deficiência. Inclusão. Ministério específico.

Abstract

The work whose justification is to understand the relevance of the specific Ministry with people of Autistic Spectrum Disorder (ASD), aiming not only the grazing of them, as well as their relatives, was limited to the context of the local Church. The methodology used for the work was the bibliographic research, through books of authors that dealt with the subject as Brenda Darke, Ame Fenton Lee, Marcelo Martins among others. The general objective of the research was around the possibility of the creation of a specific Ministry for people with ASD in the Church, whose specific objectives defined the ASD, its characteristics, the position of society and family in the face of the disorder, the inclusion in the face of disability. societal and church views, and the creation of a specific ministry for autistic people as well as family support, pastoral counseling, and visitation. It can be noted that it is viable and of great value to the Church, the specific ministry for people with ASD.

* Helen Cristian Banks. Possui graduação em Teologia - Faculdades Batista do Paraná (2017) e graduação em Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998). E-mail: hcb07@uol.com.br.

Keywords: ASD (Autistic Spectrum Disorder); Deficiency; Inclusion; Ministry specific.

Introdução

A Igreja é para todos, porém, muitos se sentem excluídos do contexto da Igreja cristã, ou mesmo, não veem na Igreja um local possível de ser frequentado devido às restrições de comportamento apresentadas nos TEA. O objetivo geral da pesquisa ocorreu em torno da necessidade de inclusão da pessoa com TEA na Igreja, assim como a integração e pastoreio de sua família.

No primeiro capítulo será abordado o Transtorno do Espectro Autístico (TEA) propriamente dito, chamado de “Autismo” na década de 40; que resumidamente significa “orientação para si mesmo”. Os primeiros pesquisadores sobre o assunto foram Leo Kanner e Hans Asperger. Devido à grande variedade de graus do autismo, uns leves outros severos com grande variação intermediária, a Associação Psiquiátrica Americana adotou o termo “Transtornos do espectro Autístico”. As causas são até hoje desconhecidas, a mais recente estuda as alterações das populações de bactérias do sistema digestivo. A estatística atual e alarmante, descreve que uma a cada cinquenta crianças apresentam o transtorno. Um dos instrumentos diagnósticos é o CHAT (checklist for autism in toddlers) – questionário para verificação de autismo em crianças pequenas, composto por perguntas que devem ser respondidas pelos pais e o pediatra da criança aos dezoito meses de idade. No TEA três áreas são afetadas: a interação social, a comunicação e o comportamento. A característica clássica da pessoa com TEA é evitar o contato visual, cita-se ainda a falta de habilidade na comunicação, distúrbios sensoriais, dificuldade com o “abstrato”, estereotípias e comportamentos repetidos. A falta de verbalização da maioria dos casos bloqueia a interação social, o preconceito e a falta de informação coloca o autista como incapaz ou ainda como muito inteligente. A família enfrenta uma longa caminhada até o diagnóstico e está segue rumo ao tratamento, com suas lutas, anseios, esperança e persistência em busca de um reconhecimento e aceitação. Os principais autores citados neste primeiro capítulo são Marcelo Martins, Silvia Ester Orrú, Roy Richard Grinker e Claudia Marcelino.

No segundo capítulo a inclusão diante da deficiência explanará sobre a deficiência em si onde dados estatísticos descrevem 15% de deficientes no mundo. Deficientes são pessoas com restrição ou incapazes de realizar uma atividade dentro da margem de normalidade do ser humano. Neste capítulo serão abordados importantes documentos relacionados ao assunto como a Declaração de Salamanca, que trata a respeito dos princípios, política e prática em educação especial a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência que garante os direitos dos deficientes e

ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente que garante o direito de não ser discriminado. A inclusão e a sociedade mostra a necessidade de um olhar diferenciado para os deficientes, fazendo com que os mesmos sintam-se parte da comunidade. A Igreja deve acolher, evangelizar, encorajar, incluindo estas pessoas e integrando-as aos demais membros, suas atividades devem ser voltadas para este público também e não somente para aqueles ditos “indivíduos normais”. O serviço na igreja por uma pessoa com deficiência também deve ser pensado, pois eles podem e devem servir a igreja, assim sentem-se valorizadas. Os principais autores citados neste capítulo foram: Brenda Darke, Elisabete Cristina Costa Renders, Malessa Breeding et alii e Marcos Silva.

No terceiro capítulo, o Ministério específico para pessoas com TEA apresentará as possibilidades de inclusão destas pessoas no contexto da Igreja cristã, levando em consideração suas peculiaridades e suas famílias. A formação de equipes de trabalho para estruturar o Ministério é essencial, assim como a preparação/treinamento dos mesmos. A preparação da Igreja cristã deve ser em sua totalidade, desde a estrutura física preparada para receber as pessoas com TEA, o material a ser utilizado e a formação dos voluntários, tudo deve ser adequado e adaptado para que a integração seja eficaz. O pastoreio das pessoas com TEA e seus familiares é importante e essencial para a vida espiritual de cada um deles. Pastores devem ser preparados para este ofício, lembrando da importância de se criar “vínculo” com as pessoas que tem TEA para viabilizar o trabalho, com paciência e perseverança. Muitas destas famílias precisam de apoio prático, pois se sentem cansadas, a Igreja deve auxiliá-las nas mais diversas situações e o aconselhamento pastoral e visitação destas pessoas devem ser realizados através de pastores que entendam suas necessidade, muitas vezes sem palavras, sendo sensíveis as necessidades do seu coração. Os autores citados neste capítulo foram: Brenda Darke, Pat Verbal, Amy Felton Lee e Joni and Friends.

Uma Igreja que se importa com seus membros e sua comunidade, deve atentar para qualquer tipo de público, sem exclusão, sendo iminente a necessidade do ministério específico para autistas e suas famílias.

Transtornos do espectro autístico

Desde suas primeiras descrições na década de quarenta os cientistas esforçam-se para descobrir as causas do transtorno que nesta época ficou conhecido como autismo. A palavra autismo derivada do pronome grego “autos”, que significa, “o próprio individuo que está voltado para si mesmo, aparentemente não distinguindo a sua identidade e nem a das pessoas que convivem com ele”, e também o substantivo “ismos”, cujo significado é, disposição ou orientação. Diante desta colocação pode-se dizer que a palavra “autismo”, em si, quer dizer “orientação para si mesmo”, ou ainda de uma maneira resumida, “a

pessoa com autismo é aquela que não consegue distinguir sua própria identidade e nem a daqueles que estão ao seu redor”.¹

O psiquiatra norte americano Leo Kanner e o pediatra austríaco Hans Asperger foram os primeiros pesquisadores, algo interessante aconteceu, pois os dois pesquisavam isoladamente um sem saber o que o outro pesquisava, porém os dois deram o mesmo nome ao distúrbio: autismo.

Kanner, o primeiro a publicar uma investigação minuciosa sobre a doença², relatou o caso das onze crianças com um quadro de “autismo extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia, nomeando-o “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”.³

Atualmente o termo adotado pela Associação Psiquiátrica Americana é o de Transtornos do Espectro Autístico (TEA) devido à grande variação do grau de seriedade, alguns leves, outros graves, porém com alguns sintomas característicos em comum.

Os transtornos difusos do desenvolvimento (também chamados de distúrbios do espectro do autismo) são caracterizados por deficiências graves e difusas do desenvolvimento em várias áreas: interação social, comunicação ou presença de comportamentos e interesses obsessivos e hiperatividade (...) [Abrangem] o distúrbio do autismo, a síndrome de Rett, o transtorno desintegrativo da infância, a síndrome de Asperger, transtornos difusos do desenvolvimento sem especificação (...). Esses distúrbios evidenciam-se nos primeiros dois anos de vida e são frequentemente associados a certo grau de retardo mental.⁴

A definição resumida de autismo da *The National Society Autistic Children* - EUA, 1978 – foi a seguinte:

Autismo é uma inadequidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave, durante toda a vida. É incapacitante, e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. É uma enfermidade encontrada em todo o mundo e em famílias de toda configuração racial, étnica e social.⁵

Os autistas possuem capacidade intelectual variada, alguns apresentam deficiência mental associada, a maioria deles tem dificuldades de aprendizagem, bem como de fazer generalizações com o que aprenderam.

¹ MARTINS, Marcelo. *Autismo – Ajudando famílias*. São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 38.

² Apesar da colocação de Kanner, de acordo com ORRÚ, o Transtorno do Espectro Autístico, não é uma doença e sim um transtorno conforme explica a citação seguinte de GRINKER.

³ ORRÚ, Silvia Ester. *Autismo, linguagem e educação*. Rio de Janeiro: Wak, 2012. p. 26.

⁴ GRINKER, Roy Richard. *Autismo, um mundo obscuro e conturbado*. São Paulo: Larousse, 2010. p. 09.

⁵ MARTINS, 2015. p. 42.

Até hoje, não se sabe a causa do Autismo, várias são as hipóteses estudadas por pesquisadores, distúrbios genéticos ocorridos na vida pré-natal associados ou não a fatores ambientais podem explicar a maior parte dos transtornos do espectro autístico.⁶

As causas biológicas são desconhecidas e algumas áreas cerebrais podem apresentar alterações. Apesar de não se encontrarem alterações cerebrais específicas que possam ser apontadas como as causadoras da sintomatologia do autismo, estudos recentes tem observado mudanças súbitas em algumas áreas cerebrais como o cerebelo e, principalmente, um aumento moderado no tamanho do peso cerebral, que parece acontecer durante a primeira infância.⁷

Outra área cerebral que pode sofrer alteração é o sistema límbico, afetando assim o comportamento e as emoções.

Uma das áreas cerebrais que também se mostra alterada é a conhecida como sistema límbico. Ela esta envolvida nas atividades complexas como encontrar significado nas experiências sensoriais e perceptivas, no comportamento social, na emoção e na memória. Também é responsável pelo controle de complexos movimentos habituais como aprender a se vestir e se lavar ou participar de atividades coletivas. Mantem diversos processos desde a criatividade artística, o aprendizado de uma habilidade, reconhecimento de estruturas faciais, a ligação emocional, a agressão e o vício. Então, anormalidades nessa área cerebral cortam ou proporcionam impressões distorcidas da realidade, levando a inabilidade de efetivamente relacionar-se com o mundo a sua volta, provocando um isolamento social.⁸

A partir da década de 70, outras causas foram pesquisadas, nesta época o autismo passou a ser considerado como decorrente de processos neurobiológicos e não mais um distúrbio puramente psicológico em suas causas. As pesquisas realizadas apontaram a epilepsia como 60 vezes mais frequente entre os autistas do que na população geral e que a deficiência mental se fazia presente em mais de 75% dos casos de autismo, causando possíveis danos neurológicos, provocando limitação de uma série de processos cognitivos.⁹

Durante os anos 60, achava-se que o autismo podia ser adquirido, “com a epidemia de rubéola, provocando o desenvolvimento da síndrome durante a gestação”.¹⁰

Recentemente foram descobertas algumas anomalias do sistema digestivo, no qual “estudos mostraram que os sintomas de alguns pacientes são agravados por determinados

⁶ MARTINS, 2015, p. 46.

⁷ MARCELINO, Claudia. *Autismo – Esperança pela nutrição*. São Paulo: M Books do Brasil Ltda, 2010. p. 33.

⁸ MARCELINO, 2010. p. 33 e 34.

⁹ ORRÚ, 2012, p. 27.

¹⁰ ORRÚ, 2012, p. 23.

fatores dietéticos que resultam possivelmente das alterações de populações bacterianas no sistema digestivo”.¹¹

Quanto a dados estatísticos deste transtorno, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais diz que a taxa de prevalência de Transtorno Autista epidemiológicos é de 15 casos por 10.000 indivíduos, com relatos de taxas variando de 2 a 20 casos por indivíduos. Isso representa em torno de 230.000 autistas só no Brasil.¹²

Atualmente, além da mudança do termo “Autismo” para transtornos do Espectro Autístico, entende-se este transtorno como um distúrbio imunológico e dados estatísticos mostram que 1 a cada 50 crianças tem o Transtorno.¹³

Autismo, não aquele descrito por Kanner em 1943, mas o que vemos hoje diagnosticado em 1 a cada 50 crianças é uma combinação de distúrbios imunológicos que devem ser tratados com recursos biomédicos. Há ainda muito para aprendermos sobre como e porque essas disfunções imunológicas afetam o desenvolvimento de nossas crianças, comprometendo quase que completamente sua interação social e comunicação.¹⁴

Para se diagnosticar os TEA, o CHAT – *Checklist for autism in toddlers* (Questionário para verificação de autismo em crianças pequenas) é um instrumento de triagem que identifica o risco de transtornos na interação social e comunicação em crianças com dezoito meses de idade. Este teste foi criado por um grupo de pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade de Cambridge.

O CHAT é um pequeno questionário que é preenchido pelos pais e o pediatra ou o agente de saúde quando a criança tiver dezoito meses de idade, cujo objetivo é identificar crianças em risco de transtornos na interação social e comunicação. Por não existir uma causa médica única dos transtornos de interação social e comunicação, é muito improvável que venha a existir um teste medico eficaz no futuro próximo. Qualquer que seja a causa destes problemas, as características comportamentais foram identificadas e é nelas que o CHAT é baseado. Além disso, o CHAT é barato, rápido e fácil de se aplicar. Atualmente o autismo raramente é detectado antes dos três anos de idade e para outros transtornos de interação social e comunicação a idade de detecção é ainda mais tardia. Quanto mais cedo o diagnóstico, mais cedo podem ser implementados os métodos de intervenção precoce e o estresse da família pode ser reduzido.

15

Além do CHAT, existem outros meios de se diagnosticar os TEA, porém, em razão de tanta polêmica este diagnóstico muitas vezes é demorado e difícil.

¹¹ MARCELINO, 2010, p. 34.

¹² MARTINS, 2015, p. 44.

¹³ RIVERA, Kerry. *Curando os sintomas conhecidos como Autismo*. Rio de Janeiro: BvBooks, 2016. p. 13.

¹⁴ RIVERA, 2016, p. 10.

¹⁵ MELLO, Ana Maria S. Ros de. *Autismo – Guia Prático*. Brasília: Ama, 2015. p. 65.

Para o diagnóstico de autismo, pode ser utilizado um vasto protocolo de investigação, a partir da realização de exames para pesquisa de possíveis condições específicas geneticamente determinadas ou não, de realização de pelo menos um dos exames de neuroimagem propostos, e fazendo uso do agrupamento de alguns dos critérios do Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos mentais e da Classificação Internacional de doenças CID-10, além de anamnese detalhada, exame físico, dando atenção aos sinais comumente associados a cromossopatias e outras afecções de etiologia genética, avaliação neuropsicológica, análise bioquímica para erros de metabolismo, exames de cariótipos, eletroencefalograma, ressonância magnética de crânio, SPECT, além de outros possíveis exames complementares.¹⁶

Para concluir um diagnóstico com TEA, a de se perceber anormalidades em três áreas, interação social, comunicação e comportamentos. Outros transtornos também podem confundir o diagnóstico.

Caracteriza-se por um prejuízo marcado e sustentado na interação social, por distúrbios da comunicação e por padrões restritos e estereotipados de comportamento e interesses. Aproximadamente 70% dos indivíduos com transtorno autista tem funcionamento intelectual em nível de retardo mental. Outros Transtornos Invasivos de Desenvolvimento mais conhecidos são: O Transtorno de Rett acomete menos crianças que o autismo, e, até o momento, foi relatado apenas no sexo feminino; O Transtorno Desintegrativo da Infância é muito mais raro que o autismo e ocorre predominantemente no sexo masculino; O Transtorno de Asperger, cuja prevalência não se sabe ao certo, parece atingir mais o sexo masculino; O Autismo Atípico, cuja diferença para o autismo é, ou um início tardio, ou a falha em uma das três características básicas para seu diagnóstico.¹⁷

Ainda existem muitas pesquisas em andamento, dúvidas antigas estão aos poucos sendo esclarecidas e algumas comprovadas, mas ainda existe um longo caminho a percorrer quando se fala em TEA.

Características dos Transtornos do Espectro Autístico

Uma característica clássica do TEA é evitar o contato visual, alguns adultos autistas relatam ser esta uma experiência dolorosa. A falta de habilidade na comunicação causa sérios problemas e comportamento e inibe a compreensão e expressão de emoções o que resulta em um problema relevante em relacionamentos sociais.¹⁸

É por meio da linguagem que o indivíduo realiza sua interação social e cultural, definindo sua própria identidade, sendo justamente na linguagem e na comunicação em que se concentra o maior obstáculo no autismo, poucos autistas desenvolvem habilidades

¹⁶ ORRÚ, 2012, p. 26.

¹⁷ MARTINS, 2015, p. 46.

¹⁸ ORRÚ, 2012, p. 27.

para conversação, embora muitos desenvolvam habilidades verbais e grande parte consiga desenvolver somente habilidades não verbais para comunicar-se.¹⁹

Quase sempre os autistas apresentam um ou mais distúrbios sensoriais, não gostam de ambientes barulhentos, outros estímulos sensoriais como luz, cor, odor e textura podem trazer problemas para eles e influenciar a habilidade e aprendizagem deles.

Sua audição funciona semelhante aos amplificadores de sons, estando no último volume e que seus ouvidos pareçam ser ofendidos como se tivessem os nervos feridos pela broca de um dentista e que, por esse razão, pessoas autistas deveriam ser poupadas de grandes ruídos.²⁰

Apresentam dificuldade com apresentações abstratas, são extremamente literais, sentimentos e emoções não são palpáveis e difíceis de expressar e absorver. Em geral autistas tem dificuldades com metáforas e ironias, para eles tudo tem um sentido literal, concreto, e essa é uma das causas que fazem com que os sentimentos e as coisas abstratas em geral sejam, para eles, tão difíceis de lidar.²¹

Outra característica presente na maioria das pessoas com este transtorno são as estereotípias e comportamentos repetitivos (dedos/mãos, *flapping* ou movimentos com o corpo) e preocupações com partes dos objetos (rodinhas, zíper, mecanismos, olhos de boneca).²²

Estas são algumas das características apresentadas neste transtorno, devido às variações de grau apresentados, e ao estado emocional do momento, podem sofrer mudanças e ser menos ou mais evidentes.

O Transtorno do Espectro Autístico e a Sociedade

Apesar da era digital e de tanta informação, muitas pessoas, inclusive profissionais da área da saúde desconhecem ou assustam-se quando se deparam com alguém que apresenta TEA.

A imagem de um “autismo clássico” tem sido assustadora para a maioria das pessoas, inclusive para muitos médicos. Quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo e chegam até a dizer que são perigosos e precisam ficar trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome.²³

¹⁹ ORRÚ, 2012, p.39.

²⁰ ORRÚ, 2012, p. 39.

²¹ ORRÚ, Silvia Ester. 2012, p. 40.

²² MARCELINO, 2010, p. 31.

²³ ORRÚ, 2012, p. 37.

O preconceito esta presente na sociedade, por falta de informação, interesse, medo do diferente, daquilo que não se conhece sendo mais fácil excluir, não lidando com o caso do que aceitar as limitações do próximo.

A sociedade cria as incapacidades, seja por falta de informação ou por medo do diferente, infelizmente, o rótulo que o deficiente recebe é mais debilitante do que sua própria deficiência, pois de acordo com a mídia ele esta fora dos padrões de beleza, de produtividade, de eficiência, de “normalidade”, de aceitação, ou então mostra e enaltece apenas os casos de Asperger, e as pessoas acham que todo o autista é muito inteligente.²⁴

A falta de verbalização e comunicação na maioria dos casos atrapalha a interação social desde cedo, já no primeiro grupo social, a família. Os prejuízos nos comportamentos não-verbais, ou seja, na interação social (ausência ou diminuição do contato ocular, gestos, expressões faciais e sinais convencionais expressivos de desejo ou emoções), impossibilidade de desenvolvimento de relações sociais, não conseguem compartilhar seus interesses e satisfações com os outros e, falha na reciprocidade social emocional.²⁵

A sociedade não se interessa em conhecer o desenvolvimento social da pessoa com TEA, tanto na área social propriamente dita quanto na área educacional, a falta desde conhecimento e estudos sobre o caso, deixam a desejar na qualidade de vida destas pessoas.

O que circula nessa literatura é que, com a criança autista, as condutas sociais se dão de forma inadequada para sua cultura, principalmente no que diz respeito a relação afetiva manifesta e na expressão dos comportamentos de interação, cuja diferença se manifesta mesmo em relação a criança com outras patologias. Elas nos surpreendem com certa impenetrabilidade e distância, demonstradas nas formas de interação ou ausência de interação.²⁶

O objetivo final deste capítulo é conhecer a pessoa, suas limitações, tentar colocar-se no lugar dela, nas esferas social, cultural, familiar e trata-la com o devido respeito.

A família da pessoa com Transtorno do Espectro Autístico

Os pais enfrentam uma verdadeira maratona, a procura de médicos, especialistas, psicólogos, para depois de muito tempo ter o diagnóstico do TEA, o que de acordo com Marcelo Martins, torna mais angustiante ainda esse caminho a ser percorrido pela família que tem um filho com TEA. É muito diferente quando uma família esta diante de uma situação de enfermidade, ou mesmo de uma deficiência que é possível detectar com precisão o problema e, a partir dai, saber o que precisa ser feito para que aquele problema

²⁴ COUTINHO, Diana. *Compreendendo a deficiência: As relações sociais e familiares*. Curitiba: Eirene do Brasil: Curso de terapia familiar sistêmica, 2005. p. 13. (Monografia).

²⁵ MARCELINO, 2020, p. 30.

²⁶ ORRÚ, 2012, p. 41.

seja combatido, ou a deficiência ser trabalhada. Com o TEA não acontece assim, existem divergências de opiniões, tanto concernentes às causas do autismo, ou seja, se é problema de ordem genética, biológica, cerebral, psicológica, como conseqüentemente para os mais variados tipos de tratamento que surgem a cada dia.

A dificuldade de aceitação da própria família pode atrasar o diagnóstico e o tratamento, tomar tempo e elevar os gastos, confundir ainda mais as informações com pontos de vista diferente dos vários profissionais consultados a procura de um diagnóstico negativo.

Eu sei por experiência própria, que um diagnóstico de autismo é devastador em muitos níveis. A regressão inicial de um bebe neurotípico em desenvolvimento desvia o contato visual, a fala e a conexão emocional entre o pai, a mãe e o filho. Depois, quando novos comportamentos estranhos aparecem, tais como debater-se, gritar, sacudir-se, girar ou até mesmo comportamentos autolesivos, você sabe em seu mais profundo instinto maternal (ou paternal) que seu filho não nasceu assim. Parece demorar uma eternidade para se aceitar a verdade sobre o que aconteceu e com o seu feliz e saudável bebe. E leva ainda mais tempo e é mais confuso ainda quando você tenta descobrir como curar esta criança doente. Muitos profissionais de saúde que lidam com o autismo estão focados demais em ganhar dinheiro, por isso não podemos confiar cegamente em ninguém. Devemos fazer a nossa lição de casa. A jornada em si é de tentativa e erro, juntamente com informações distorcidas.²⁷

Quando se refere ao tratamento, também há um longo e duro caminho a ser percorrido pela família.

Em minha jornada pela recuperação do espectro autista do meu filho Patrick, tenho pessoalmente me frustrado com a falta de informação e respostas que levam a perda de tempo e dinheiro. Por exemplo, quando eu soube que Patrick não estava mais se desenvolvendo “normalmente” (em 2003), eu não consegui obter um diagnóstico. Sete anos, dezenas de intervenções e centenas de milhares de dólares depois eu ainda estava a procura das peças para resolver o enigma do autismo de Patrick.²⁸

A família é o local onde o primeiro contato social é estabelecido, a identidade do individuo é formada, laços se formam ou deveriam se formar, para que estruturada possa preparar os filhos para a vida. Porém, a família de uma pessoa com TEA costuma apresentar-se desolada, emocionalmente frágil e sem esperanças, vivenciando uma experiência de dor por concluir que não tem um filho saudável, desde o fechamento de seu diagnóstico, e durante todo o desenvolvimento da vida. São diversos os sentimentos despertados, o que também costuma gerar o afastamento da família com relação ao filho com TEA. No entanto, pensando que o sujeito se constitui a partir de sua relação com o

²⁷ RIVERA, 2016, p. 32.

²⁸ RIVERA, 2016, p. 30.

outro, é essencial o estabelecimento da relação entre filho e família, construindo na interação familiar a sua identidade preparando-o para se relacionar com o mundo.

Abaixo, o relato de Sergio, pai de um autista, revela como é fácil a família ou os responsáveis ignorar a verdade por não conhecer o cotidiano de uma pessoa com o TEA:

Sou agente de vendas e regularmente visito áreas distantes da capital. Em uma de minhas viagens a uma pequena cidade, conheci a humilde família de Marcos, um jovem autista. Isso me chamou atenção, pois também tenho um filho autista. Esse rapaz de aproximadamente 20 anos não frequentava nenhuma escola, nem era estimulado a se integrar nas atividades da vida cotidiana. Sua mãe era responsável por seu asseio e alimentação. Deixava-o sentado no corredor da casa, e era ali que ele ficava a maior parte do tempo. Eu visitava-os ocasionalmente quando passava por aquela cidade. Certo dia, contaram-me que a mãe de Marcos havia morrido. Ninguém sabia o que fazer com o rapaz. Para minha surpresa, soube que pouco tempo depois ele também morreria. Alguns vizinhos disseram que Marcos havia morrido de fome, porque as pessoas encarregadas de cuidar do rapaz não sabiam que ele não pedia para comer. Ele só se alimentava quando a mãe lhe oferecia comida. Os responsáveis por Marcos imaginavam que, se estivesse com fome, ele procuraria ou pediria o que comer.²⁹

Os irmãos também são parte importante deste grupo chamado família, e os pais devem estar atentos a este relacionamento, pois os mesmos dependendo de suas atitudes podem gerar um sentimento de rejeição ou aceitação para com a pessoa com TEA.

Os irmãos sentem o impacto da chegada do irmão/ã com deficiência. Quando os irmãos já são jovens ou adultos acabam assumindo a responsabilidade de cuidado e atenção para com o irmão/ã com autismo. Porém, quando ainda são pequenos, a atenção que é dispensada ao irmão/ã com a deficiência pode gerar sentimentos opostos: alguns se sentirão negligenciados, outros se sentirão pressionados a fazer algo a mais para contrabalancear com o irmão que apresenta a deficiência e recebe maior atenção. Os pais terão uma importância fundamental em relação aos sentimentos dos filhos. Dependendo da forma como dispensarem cuidado ao filho com deficiência, hão de ajudar ou frustrar os demais filhos.³⁰

Todas as famílias têm seus contratempos, porém, quando se trata de alguma deficiência ou o TEA, a de se unir forças em prol daquele que precisa, e seguir em frente, sempre lutando, nunca desistindo, lembrando sempre que não se está só nesta luta e que de acordo com as estatísticas, infelizmente cada dia mais famílias são acometidas e devem unir forças através de seus testemunhos de vida, encorajando uns aos outros.

A inclusão diante da deficiência

²⁹ DARKE, Brenda. *Deficiente. O desafio da inclusão na Igreja*. São Paulo: Hagnos, 2015. p. 48 e 49.

³⁰ MARTINS, 2015, p. 68.

A inclusão não é um assunto novo, Vygotsky em 1989 foi um pesquisador da inclusão, era a favor que crianças com deficiência ficassem junto com crianças da mesma idade com desenvolvimento típico da idade para fornecer-lhes modelo e dar oportunidade de participação e valorização em sua comunidade. Descrevia que a educação especial deveria estar subordinada ao âmbito social, fundida organicamente com parte integrante.³¹

Filosoficamente, há um movimento em direção a uma sociedade mais inclusiva (que não separe e segregue os indivíduos), fundamentadas em diferenças, com frequência, mal compreendidas. Os defensores da inclusão argumentam que nossas escolas devem refletir essa sociedade inclusiva e distinta. Portanto, a inclusão é antes de tudo uma atitude-um valor e um sistema de crença-, não uma ação ou conjunto de ações.³²

Existem mais de um bilhão de pessoas com alguma deficiência no mundo, em média 15% da população.³³ Renders confirma este número por meio do censo de 2000 que identificou 14,5% da população brasileira com alguma deficiência, são 27 milhões e 500 mil pessoas. Estas deficiências variam entre dificuldade de enxergar, ouvir, deficiência física, mental, intelectual, entre outras.³⁴

Existem diferentes formas de se interpretar a palavra “deficiência”, antes se dizia que deficiente era qualquer indivíduo com restrição ou ausência de capacidade de realizar uma atividade na forma ou dentro da margem de normalidade para o ser humano, atualmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), aprovada em 2001. Este documento explica que a palavra “deficiência” é como um guarda-chuva abrangendo todas as deficiências das funções e estruturas do corpo, as limitações, incapacidades de realizar atividades e restrições na participação social do ser humano.³⁵

Quando se aborda a respeito da inclusão temos um importante documento, A Declaração de Salamanca, realizada na Espanha em junho de 1994, que trata a respeito dos princípios, política e prática em educação especial.

Segundo a Declaração de Salamanca (Espanha) a educação incorpora princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam ser beneficiadas; ela assume que as diferenças humanas são normais, e que com a consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções pré-concebidas a respeito do ritmo da natureza do processo de aprendizagem.³⁶

³¹ VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 60.

³² BREEDING, Malessa et al. *Deixe vir a mim todas as crianças*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p.39.

³³ DARKE, 2015, p. 15.

³⁴ RENDERS, Elizabete Cristina Costa. *Educação e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 21.

³⁵ DARKE, 2015, p. 39.

³⁶ SILVA, Marcos. *Inclusão: Realidade ou Ilusão?* Petrópolis: Ed. Do autor, 2010. p 23.

No Brasil, a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência³⁷, está prescrita no Decreto nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999, onde do artigo 6 citamos as seguintes diretrizes:

- I - Estabelecer mecanismos que acelerem e favoreçam a inclusão social da pessoa portadora de deficiência;
- II - Adotar estratégias de articulação com órgãos e entidades públicos e privados, assim como com organismos internacionais e estrangeiros para implantação desta política;
- III - Incluir a pessoa portadora de deficiência, respeitadas as suas peculiaridades, em todas as iniciativas governamentais relacionadas à educação, à saúde, ao trabalho, à edificação pública, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à habitação, à cultura, ao esporte e ao lazer;
- IV - Viabilizar a participação da pessoa portadora de deficiência em todas as fases de implementação dessa política, por intermédio de suas entidades representativas;
- V - Ampliar as alternativas de inserção econômica da pessoa portadora de deficiência, proporcionando a ela qualificação profissional e incorporação no mercado de trabalho; e
- VI - Garantir o efetivo atendimento das necessidades da pessoa portadora de deficiência, sem o cunho assistencialista.³⁸

No âmbito da proteção às pessoas com deficiência, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante o direito de não ser discriminado (a) em função da cor, etnia, origem, nacionalidade, preferência sexual, de deficiências de quaisquer doenças físicas ou mentais. Aborda ainda o direito a cuidados especiais no caso de deficiência, garantindo o direito a tratamento adequado e acesso a escolas, locais públicos, transportes, e ainda o direito a ter dos governantes, políticas públicas de inclusão.³⁹

De acordo com especialistas, o Brasil é um dos países que tem a legislação mais avançada quando o assunto é acessibilidade, devido à luta do movimento de pessoas com deficiência que compreenderam que a acessibilidade é um meio para se alcançar a inclusão social, porém, nem sempre é cumprida e na realidade uma parte significativa da população fica desamparada.⁴⁰

A inclusão e a sociedade

³⁷ O termo “Portador de deficiência” era utilizado na época do decreto.

³⁸ RENDERS, 2009, p. 28 e 29.

³⁹ FONTANIN, Katia Alves de Oliveira. *Introdução a Educação Especial*. Curitiba: SGECE, 2010, p 60.

⁴⁰ SILVA, 2010, p. 37.

O sistema social é formado por cidadãos e dividido em várias partes, como por exemplo, o lazer, o transporte, a educação entre outros, sendo assim, a inclusão social é um processo para que um novo tipo de sociedade seja formado. Só se diz que uma sociedade é inclusiva quando todas as suas partes praticam esta inclusão. Para isso, transformações devem ser feitas, não só nos ambientes físicos, como também na mentalidade das pessoas e na mentalidade do próprio deficiente, paradigmas devem ser quebrados.⁴¹

Houve uma época em que as pessoas acreditavam que a pessoa com deficiência não era capaz, eram vistas como a própria causa de seus problemas, vistas com desconfiança, mal entendidas e ignoradas.

A sociedade, em geral, pensava que indivíduos com deficiência física ou cognitiva não podiam ter emprego, família, ou viver por conta própria. Eles não tinham o benefício de ir a igreja ou a classe bíblica. Agora, vemos estes indivíduos fazerem todas essas coisas e mais ainda. Começamos a entender que a única coisa que limita as pessoas especiais é a nossa atitude. O potencial e as habilidades deles não mudaram com os anos. Nossa atitude e compreensão foi que mudou. Uma vez que deixamos que nossas atitudes e nossos sistemas de crenças os limitem, os indivíduos especiais podem alcançar e realizar seu potencial – um potencial fundamentado não em pena ou caridade, mas no entendimento da unicidade e da grandiosidade que Deus pôs em cada um de nós.⁴²

Antigamente a vida social da maioria destas pessoas estava limitada ao círculo familiar, ficavam em casa, hoje, nota-se um número razoável de pessoas com algum tipo de deficiência nas ruas e locais públicos, porém, apesar da maioria das pessoas saber que devem tratar estas pessoas como iguais, muitos não sabem como e acabam deixando-as de lado.⁴³

No Brasil, a pessoa com deficiência foi por muito tempo foco de caridade e assistencialismo, como dependente dos outros para sobreviver. Investiu-se muito pouco em reabilitação e inserção, o que aumentou esta fatia da população que não consegue espaço na sociedade e no mercado de trabalho, dependendo assim do assistencialismo para sobreviver.⁴⁴

Ao colocar em prática a inclusão, o principal objetivo a ser alcançado é fazer com que a pessoas com deficiência sintam-se fazendo parte da sociedade como um cidadão que tem suas limitações, mais tem também autonomia para realizar tarefas que são necessárias para que tenha qualidade de vida, inserção no mercado de trabalho e exerça a cidadania.⁴⁵

⁴¹ SILVA, Marcos. 2010, p. 35 e 36.

⁴² BREEDING, 2008, p.27.

⁴³ DARKE, 2015, p. 31.

⁴⁴ RENDERS, 2009, p. 26.

⁴⁵ FONTANIN, Katia Alves de Oliveira. *Introdução a Educação Especial*. Curitiba: SGEN, 2010. p. 79.

Deve-se ter um novo olhar quando se trata de sociedade, quebrar paradigmas, pensar na diversidade humana, respeitando as diferenças sem hierarquizar ou inferiorizar, romper laços assistencialistas, conhecer melhor as pessoas, isso faz com que suas necessidades diárias como cidadãos sejam entendidas.⁴⁶

Reconhecer a evolução de atitudes dos não-deficientes e dos portadores de deficiência em busca do conhecimento e aceitação mútua, bem como a importância da organização de tais movimentos sociais, implica não cometer o equívoco de concordar com posições tais como aquela segundo a qual “quem entende de deficiente é o deficiente”. Agindo segundo essa posição, tanto os deficientes quanto os não deficientes solidificam, cada vez mais, a abordagem estática das relações entre as pessoas e das pessoas com seu ambiente. Reconhecer a importância da participação dos portadores de deficiência no planejamento e na execução dos serviços e recursos a eles destinados é, sem dúvida, um imperativo de uma sociedade que pretende ser democrática.⁴⁷

As pessoas com alguma deficiência são semelhantes a qualquer ser humano, elas têm personalidade, força de vontade, necessidades e diferenças assim com qualquer pessoa. Esta diversidade é a maior força da humanidade, e deve ser apreciada. Existem exemplos de pessoas com deficiências que fizeram grandes contribuições a sociedade como Helen Keller, Stephen Hawking e Beethoven.⁴⁸

A inclusão e a Igreja

Historicamente, o povo de Israel desprezava as pessoas que apresentavam alguma deficiência, porém, diferente de alguns lugares da mesma região, que assassinavam as crianças deficientes, esta não era a prática dos israelitas. No período histórico bíblico não existia distinção entre doença e deficiência, as pessoas com hanseníase, por exemplo, também eram discriminadas e viviam isoladas.⁴⁹

No contexto atual, quanto ao que se refere à Igreja, entende-se que esta deve estar de portas abertas à sociedade, porém muitas pessoas sentem-se excluídas do corpo de Cristo.

As famílias de pessoas com deficiência que fazem parte de uma igreja cristã tem maior capacidade para lidar com o estresse adicional com o qual convivem. A igreja deve tomar cuidado, pois muitas famílias foram magoadas dentro de igrejas, tendo seus filhos

⁴⁶ RENDERS, 2009, p. 34.

⁴⁷ SILVA, 2010, p 79.

⁴⁸ BREEDING, 2008. p.28 e 29.

⁴⁹ DARKE, 2015, p. 80.

rejeitados, o que torna pouco provável que procurem outra igreja, tirando destas pessoas o privilégio de fazer parte do corpo de Cristo.⁵⁰

É urgente reconhecer que todos nós, se fazemos parte do corpo de Cristo, somos iguais. Todos nós somos “peregrinos” - com ou sem deficiência. O que varia é apenas a forma, o ritmo ou o estilo da progressão. O caminho da deficiência nos levará por rotas diferentes, talvez de maneira mais lenta, mais nos dará a oportunidade de desfrutar e novas companhia e de uma outra paisagem.⁵¹

A Igreja deve buscar acolher, evangelizar e incluir as pessoas com deficiência, e, por conseguinte conhecerem a respeito das Escrituras, participar das atividades de culto, enfim, ser parte de uma igreja local. Existem muitas pessoas com deficiência que vivem na comunidade ao redor da igreja, com suas famílias, formando um subgrupo e cita até uma subcultura da sociedade, uma mínima parte destes tem a oportunidade de frequentar uma igreja, são esquecidas, excluídas, não conhecem o evangelho, são como aquelas comunidades distantes para onde se envia missionários, e na verdade estão do nosso lado.⁵²

Crer que as crianças especiais são salvas apenas em virtude de sua especificidade rouba-lhes a riqueza que o relacionamento com Jesus traz. Além disso, isso nos dá uma boa desculpa para nos eximirmos da responsabilidade, como cristãos, com elas.⁵³

O ser humano torna os deficientes invisíveis e sua presença revela a vulnerabilidade humana, o que gera incomodação por insegurança ou até mesmo medo por falta de conhecimento. A verdade escondida na condição humana pode ser revelada pelas pessoas com algum tipo de deficiência ou por outros grupos sociais que sofrem exclusão.⁵⁴

Em vez de evitar o contato com pessoas com deficiência, convidou-as a participar do seu Reino. Ao invés de deixa-las impotentes, carentes de respeito e de oportunidades, deu-lhes dignidade. Conversou com elas, e tocando-as, mostrou-lhes que não tinham nenhuma culpa por sua condição. Seu exemplo abraçando os marginalizados da sociedade deveria nos levar a imita-lo. Por que não vemos milhares de pessoas com deficiência em nossas igrejas, se Jesus ensinou que devemos convidá-las?

⁵⁰ COLLINS, Belva. et al. Including children with mental retardation in the religious community. *Sage journals*, 33 nr 5, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004005990103300508>. p 54.[Families of people with disabilities who are part of a church have a greater capacity to cope with the additional stress with which they coexist. It is unlikely that families hurt by the church, who have had their children rejected, will someday return to a church.].

⁵¹ DARKE, 2015, p. 22.

⁵² DARKE, Brenda. 2015. p. 23.

⁵³ BREEDING, 2008. p.11.

⁵⁴ RENDERS, 2009, p. 09.

Ele não se mostrou indiferente diante da situação delas, antes, tomou medidas para ajuda-las e oferecer-lhes uma oportunidade na vida.⁵⁵

As pessoas com alguma deficiência devem ser encorajadas pelos outros membros da igreja, a fazer parte da dinâmica eclesial, não somente como ouvintes, mas trabalhando na igreja, incluí-las em equipes a serviço do Reino faz com que se sintam valorizadas, além delas terem também a responsabilidade e o compromisso como cristão.⁵⁶

O trabalho com pessoas com deficiência não deve ser de “caridade”. Não é como um “Teleton”, uma campanha maciça em que se apela para a emoção. A pessoa com deficiência pode desempenhar um papel importante na congregação. Não estamos aqui para “libertar” as pessoas com deficiência; pelo contrário, elas é que poderão nos livrar de nosso orgulho ou materialismo. Nós não pretendemos cura-las, só Deus possui esse poder. Mas elas podem ser instrumentos para a nossa cura, na medida em que nos permitem ver nossa existência de forma diferente. Suas vidas nos ajudam a entender que o valor da pessoa não está em suas riquezas, nem no número de amigos que tem no Facebook, mas, sim, em sua relação com Deus e com aqueles que precisam de apoio. Brett Webb-Mitchell, que trabalhou por muitos anos com pessoas com deficiência cognitiva, afirma que, ao contrário do que pensamos, são elas que podem nos ajudar a crescer espiritualmente. Quando acreditamos que vamos mudar sua vida, de repente descobrimos que são eles que estão mudando a nossa!⁵⁷

Incluir e discipular pessoas com deficiência e suas famílias é de grande valia para a Igreja. Membros que não encontram um lugar para servir, ou seja, um ministério, poderão ter a oportunidade de se envolver com estas pessoas com deficiência, muitos encontram seu ministério assim. A Igreja é para todos os que tem fé em Jesus, independente de suas habilidades, posição social ou cultural.⁵⁸

De acordo com a Bíblia em I Coríntios 12: 22-26 que as partes do corpo que parecem mais fracas são indispensáveis e as partes do corpo que são menos honrosas devem receber a maior honra, Deus colocou assim, e disse que não deve haver divisão, mais que os membros devem cuidar uns dos outros, e se um sofre os outros sofrem juntos.⁵⁹

⁵⁵ DARKE, 2015, p. 89.

⁵⁶ DARKE, 2015. p.86.

⁵⁷ RENDERS, 2009. p. 178 e 179.

⁵⁸ BRUECK, Kate. *Start with HELLO*. California: Joni and Friends, 2015, p. 67. [Launching a fruitful disability ministry will bring unexpected blessings to your church body. Members who have not found a passionate place of service often excel at serving in disability ministry and seem to find their ministry “home”. Disability ministry proclaims that the gospel is for all people who have faith in Jesus, regardless of their abilities, social standing, or culture.]

⁵⁹ BRUECK, Kate. 2015, p. 68. [The parts of the body that seem to be weaker are indispensable, and on those parts of the body that we think less honorable we bestow the greater honor...God has so composed the body, giving greater honor to the part that lacked it, that there may be no division in the body, but that members may have the same care for one another. If one member suffers, all suffer together; if one member is honored, all rejoice together.]

A Igreja deve criar condições de acesso e de permanência para as pessoas com alguma deficiência, como:

- cuidados com metáforas que fazem vínculo da relação do pecado com a deficiência;
- distinguir teologicamente o processo de cura e o sarar;
- a acessibilidade local, sem barreiras arquitetônicas;
- culto deve ser pensado de acordo com as diferentes categorias de deficiências. A Igreja deve ser acessível para todos, acomodando-os, aceitando os dons e talentos de cada um independente das diferenças.⁶⁰

Uma das coisas mais tristes em nossa experiência na igreja são as barreiras desnecessárias, como as falsas ideias que podem impedir eu se caminhe na direção certa, sem desvios. Sabemos que Deus é luz, algo intimamente relacionado com a verdade: e a mensagem que Dele ouvimos e vos anunciamos é esta: Deus é luz, e nele não há treva alguma. (I João 1.5)⁶¹

Como a deficiência específica tratada neste trabalho são os TEA, conforme as peculiaridades tratadas no capítulo 1, diante da dificuldade encontrada hoje nas igrejas em se trabalhar com estes, cita-se abaixo algumas orientações para sua inclusão:

- Buscar informações a respeito de seus gostos e comportamentos com seus familiares ou pessoa responsável;
- Compartilhar estas informações com as outras pessoas que irão trabalhar com a pessoa, sempre com permissão de seus familiares;
- Monitorar níveis de som e outros fatores que podem afetar as pessoas com TEA;
- Criar rotinas com quadros e agendas com figuras;
- Usar recursos visuais para reforçar as palavras ou ações ditas;
- Utilizar linguagem concreta.⁶²

Lembrando que estas são orientações básicas, que serão mais bem explicadas no próximo capítulo, porém, muito importantes, pois estas orientações são base para se criar estratégias e modelos em inclusão de pessoas com TEA.

Eu sonhava com uma igreja inclusiva, mas, ao me dirigir aos líderes, pastores e membros de certas congregações, encontrei uma atitude que interpretei como falta de interesse. Mais tarde, percebi meu erro: não era

⁶⁰ RENDERS, 2009, p. 107 e 108.

⁶¹ DARKE, 2015, p. 120-121.

⁶² DARKE, Brenda. 2015, p. 153.

falta de interesse, mas carência de estratégias e modelos. Eles não podiam avançar porque não conheciam técnicas adequadas para dar os primeiros passos, nem uma direção bem planejada.⁶³

Uma igreja inclusiva tem que ter uma atitude de aceitação, um olhar de amor ao próximo, atitude de serviço, isso não acontece do dia para a noite, requer paciência e perseverança, muita dedicação e acima de tudo, confiança na fidelidade de Deus.⁶⁴

O ministério específico para pessoas com transtorno do espectro autístico na igreja local

As transformações da sociedade e a globalização dos acontecimentos exigem da Igreja uma nova postura para dar resposta aos desafios existentes, para tal a Igreja precisa renovar suas estruturas ministeriais, proporcionando integração entre comunidade e Igreja cristã, um grande desafio.⁶⁵

Para atingir todas estas metas – renovação global que envolve a todos e se dirige a todos – a Igreja “deve realizar como comunidade”, o que exige “uma renovação das estruturas em que a Igreja se realiza atualmente, sobretudo das estruturas de base”. É, portanto, da máxima importância “emprender, a partir da devida valorização da Igreja-comunidade local, o desenvolvimento e a formação de comunidades eclesiais de base, que realizem melhor o ministério da Igreja”. Tais comunidades serão formadas por cristãos que “queiram e possam viver nelas, de maneira progressiva, as diversas dimensões da vida eclesial”.⁶⁶

A palavra “ministério” vem do latim e significa “serviço”, é a tradução da palavra grega *diakonia*. Porém, serviço difere-se de ministério conforme a Equipe Diocesana de Pastoral dos Ministérios Leigos - Diocese de Caxias do Sul:

Há serviços que um cristão pode prestar espontaneamente ou de vez em quando. São serviços mais ainda não são ministérios. Quando um serviço se torna realmente um ministério? Quando tem certa permanência e, sobretudo, quando é reconhecido como tal pela Igreja. Por que é importante esse reconhecimento? Porque significa que o ministro não age apenas em nome próprio, individualmente, mas em nome da comunidade, como representante da Igreja.⁶⁷

⁶³ DARKE, 2015.p. 23

⁶⁴ BRUECK, 2015, p. 70. [It will not happen overnight, but it will happen. As with all good things, it requires patience and perseverance, determination and dedication, and ultimately an underlying trust in the faithfulness of God.]

⁶⁵ ALMEIDA, Antônio José. *Os ministérios não-ordenados na Igreja Latino Americana*. São Paulo: Loyola. 2007. p. 101.

⁶⁶ ALMEIDA, Antônio José. 2007, p. 101.

⁶⁷ Equipe diocesana de pastoral dos ministérios leigos. *Curso de preparação para ministérios leigos*. São Paulo. Ed. Paulus. 1989. p. 08.

O Ministério específico para pessoas com Transtorno do Espectro Autístico é de grande valia para a Igreja. Podem-se citar quatro benefícios de se estruturar este Ministério: a Igreja estará obedecendo ao que Jesus colocou com a “Grande Comissão”⁶⁸, expandindo assim o evangelho; oportunidade de conhecer pessoas surpreendentes; as crianças e mesmo os adultos serão tolerantes na aceitação das pessoas com necessidades especiais, neste caso TEA e por ultimo, famílias serão acrescentadas a Igreja.⁶⁹

A importância à formação de equipes de trabalho é muito importante para estruturar o Ministério específico para autistas, é de extrema importância que a equipe esteja integrada as famílias destas pessoas. É bem provável que as pessoas que tem algum parente na família com TEA se interessem pelo Ministério em questão, com coração disposto a servir e a aprender. Por ser este um Ministério que atende pessoas vulneráveis em vários sentidos, deve-se tomar o cuidado de ter como voluntários pessoas honradas e honestas.⁷⁰

A equipe deve estar preparada, treinada para exercer o trabalho voluntário neste ministério com excelência. Para tal algumas observações são importantes como: visitar grupos de apoio da comunidade, visitar outras igrejas que tenham este ministério estruturado, convidar palestrantes para conduzir palestras, como por exemplo, professores especialistas em educação especial em escolas seculares, pois métodos e estratégias podem ser adaptados a Igreja, participar de conferências em educação cristã que oferecem palestras para ministérios de necessidades especiais, criar uma biblioteca com títulos sobre o assunto, anunciar a comunidade eventos de treinamento e incentivar os líderes do ministério a se inscreverem em educação continuada para estarem sempre atualizados.⁷¹

Muitas pessoas precisam de sua ajuda. E de certa forma você precisa destas pessoas. Se quisermos ver o corpo de Cristo em ação no mundo, todos nós, independente de achar-nos capazes ou não, precisamos usar nossos dons, para o nosso bem e bem dos outros. Para a glória de Deus.⁷²

O guia de bolso do Ministério das crianças com deficiência oferece algumas dicas para trabalhar com o TEA:

⁶⁸ Mateus 28:18-20.

⁶⁹ VERBAL, Pat. *Special needs Ministry for Children*. Colorado. Ed Group. 2012. p. 17. [You’ll grow a generation of children who are tolerant and accepting of people with special needs.].

⁷⁰ DARKE, 2015, p. 117,118.

⁷¹ VERBAL, 2012, p. 108-111. [Here are some training opportunities that can inform and bless your volunteers: visit community support groups, visit the special needs program in another church, invite guest speakers to lead training seminars at your church, take advantage of Christian education conferences that provide a special track for special needs ministry, create a training library, announce community training events and encourage disability ministry leaders to enroll in continuing education.].

⁷² NEWMAN, Gene; TADA, Joni Eareckson. *All God’s Children. Ministry with disabled persons*. Mivhigan: Ed. Zondervan. 1993, p. 35 [A world of people needs your assistance. And in a real way, you need that world of people. If we are to see the body of Christ at work in the world, all of us-able-bodied and disabled alike-must use our gifts. For our good and the good of others. For God’s glory.].

Ser o mais concreto possível nas suas histórias e apresentações; se precisar mudar a rotina, prepare a criança mostrando o papel dela nesta nova rotina; se seu comportamento está alterado, isto é um sinal de estresse; evite sobrecarga verbal; divida as atividades em partes menores; construa oportunidades para mostrar a criança os talentos e habilidades que Deus lhe deu; mantenha a sala de aula o mais calma possível. O excesso de estímulo pode criar confusão e medo para a criança; use a repetição para ensinar um novo conceito à criança.⁷³

Quanto a Igreja em si, observar a cultura atual da mesma seria o primeiro passo, quanto ao espaço físico, devem-se fazer as seguintes considerações: observar as barreiras arquitetônicas, sons altos e luzes brilhantes, atividades que requerem coordenação motora fina, cuidado com lanches/alimentos que possam causar alergias ou alimentos proibidos por dietas realizadas para TEA, aprendizagem que requer leitura independente, transições de um ambiente para o outro através de corredores e quantidade e qualidade nas atividades planejadas e por último, pensar como a igreja pode oferecer oportunidades para estimular o avanço espiritual das pessoas com TEA.⁷⁴

Uma equipe de ministério nunca pode compreender plenamente seu impacto na vida de alunos com atrasos cognitivos ou deficiência intelectual. No entanto quando as atividades são planejadas e comunicadas de forma tangível o resultado é alcançado. E para que a igreja ofereça tais oportunidades de aprendizado, cada voluntário precisará de inspiração e ideias para tornar as histórias bíblicas vivas. As técnicas de ensino são inestimáveis, tanto para os alunos, como para voluntários do ministério.⁷⁵

Alguns passos para a inclusão de pessoas com deficiências na Igreja podem ajudar quanto à inclusão do TEA:

- Identificar e conhecer pessoas com deficiências na igreja e na comunidade;
- Conversar com estas pessoas e suas famílias a respeito de como melhorar ou adequar a sua participação na igreja;

⁷³ VERBAL, 2012, p. 106-107. [Be as concrete as possible in your stories and presentations, if there needs to be a change in routine, prepare the child by rehearsing the child's role in the new routine, if a child has an increase in unusual behaviors, this is usually a sign that the child is stressed, avoid verbal overload, break down activities into smaller parts, build in special opportunities to show the child the special talents and abilities God gave him or her, keep your classroom as calm as possible. Overstimulation can create confusion and fear for the child, use repetition to help the child learn a new concept.].

⁷⁴ LEE, Amy Fenton. *Leading a Special Needs Ministry*. USA. Ed. Orange. 2013, p. 89, 90. [Consider the following issues: Physical barriers to space, loud sounds or bright lights, activities requiring fine motor skills or gross motor ability, learning exercises necessitating independent Reading, tasks involving teamwork, snacks/allergies, transitions from one environment to another, through hallways and quantity and quality of planned activities.].

⁷⁵ LEE, Amy Fenton. 2013, p. 91. [A ministry team may never fully grasp their eternal impact in the lives of students with cognitive delays or intellectual disability. However, when learning experiences are planned to engage all of a child's senses and when Bible truths are communicated in tangible ways, children of every learning preference and ability will need inspiration and ideas to make Bible stories come alive. Training sessions on teaching techniques are invaluable to not only the special needs helpers but also all children's ministry volunteers.].

- Entender através da Bíblia a importância de incluir estas pessoas com deficiência na igreja;
- Estudar as leis do país a respeito da igualdade e oportunidade para que as mesmas sejam aplicadas pela igreja;
- Desenvolver as adaptações necessárias quanto ao ambiente físico;
- Identificar as necessidades destas famílias oferecendo apoio pastoral;
- Acompanhar estas pessoas durante as atividades na igreja;
- Promover a aceitação destas pessoas pelos membros da igreja;
- Reavaliar se os programas de educação cristã tem uma linguagem apropriada a esta pessoa e,
- Anualmente incluir na programação da Igreja a celebração do Dia Internacional das pessoas com Deficiência (03/12)⁷⁶ e por que não também do Dia Mundial de Conscientização do Autismo (02-04)⁷⁷

Inclusão e integração são palavras diferentes que podem ser confundidas quanto seu uso, a inclusão indica que a pessoa com deficiência pode participar da mesma forma que os outros embora a maneira a qual irá receber o ensinamento possa variar, já a integração indica que a pessoa não é segregada, recebe o mesmo tratamento que os outros, se todos tem aula de uma determinada matéria ela também receberá.⁷⁸

A palavra “inclusão” aponta mais para a finalidade. Se a pessoa não pode, por sua deficiência, aprender num ambiente muito barulhento, então ela deve ter a oportunidade de receber educação num ambiente tranquilo, mesmo que esse arranjo interrompa sua integração. Nesse sentido, sua integração não é tão importante quanto a oportunidade de aprender em si. No caso, a criança com deficiência contará com a mesma chance de educação. Temos de garantir sua inclusão na escola e dotar uma política para as ocasiões em que a pessoa com deficiência não possa tolerar os outros. Em determinadas ocasiões não devemos insistir na igualdade de condições. É melhor se preocupar com as necessidades diferentes e pensar em como organizar a sala de aula ou qualquer outro lugar, ou o grupo, a fim de atender essas necessidades.⁷⁹

Se a igreja se preocupa com aqueles que de certa forma parecem mais fracos, dando-lhes o devido cuidado, no final todos os membros serão beneficiados de alguma

⁷⁶ DARKE, 2015, p. 121-123.

⁷⁷ Data decretada pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 2008. www.revistaautimo.com.br. Acesso em 30/01/2017 às 22:54.

⁷⁸ DARKE, 2015, p. 154.

⁷⁹ DARKE, 2015, p. 155.

forma. Que a igreja possa experimentar a alegria de estruturar um ministério específico para pessoas com TEA.⁸⁰

A inclusão das famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autístico no contexto da Igreja.

Assim com as pessoas com TEA precisam ser incluídas na Igreja, seus familiares também necessitam de atenção, integração e inclusão com os demais membros. Além de compreender o estresse da família e as dificuldades de seu filho, a igreja pode oferecer suporte em várias formas: auxílio financeiro, pois alguns tratamentos são dispendiosos; ao construir um relacionamento com a igreja, os medos e anseios são aliviados por serem compartilhados; a oportunidade de mostrar a esta família o amor incondicional; embora pais de crianças com deficiência tenham muitas experiências alegres, também tem que conviver com muita tristeza ao longo do caminho, como o atraso no desenvolvimento, planos de tratamento frustrados e sonhos que não se tornarão realidade, uma mistura de negação, raiva, medo e vergonha. Como cristãos estas famílias devem ser aceitas e ajudadas pela igreja em sua caminhada.⁸¹

Trabalhar com estas famílias não é algo rápido, é um trabalho para a vida toda, não é o mesmo que apoiar uma família que está passando por uma crise de desemprego ou algo parecido.⁸²

O fato de grupos seculares mostrarem mais disposição do que as igrejas para apoiar pessoas com deficiência deveria nos causar alguma vergonha. Hoje existem centenas de programas para o desenvolvimento social, projetos que visam melhorar o nível educacional das famílias e planos governamentais que pretendem resolver problemas sociais. Entretanto, há pouco interesse naqueles que não tem muita esperança de alcançar grandes objetivos. Queremos ver resultados mensuráveis enquanto estas famílias esperam algumas gotas de auxílio, palavras de incentivo, abraços e orações.⁸³

⁸⁰ BRUECK, 2015, p. 68. [If a church cares for and honors those who seem to be weaker, the end result is that all members rejoice together. May you and your church experience the joy of disability ministry.]

⁸¹ FRIENDS, Joni and. *Special needs*. Califórnia. Ed. Gospel Light. 2009, p. 18 [In addition to simply understanding a family's stress and their child's unique difficulties, churches can provide support in a number of areas: provide financial aid, as these families build strong relationships within the Body of Christ, however, their fears are alleviated because they see that people outside their family can love and enjoy their children, show unconditional love, although raising children with special needs brings many joyful experiences, parents must accept grief and sorrow as their companions along the way. They grieve over developmental milestones that their children miss, failed treatment plans, and dreams that will never come true. The success they hoped for is mixed with the powerful emotions of denial, anger, fear and shame].

⁸² DARKE, 2015. p. 121-173.

⁸³ DARKE, Brenda. 2015, p. 173.

Falar menos e escutar mais podem ser atitudes interessantes, nada que for dito vai diminuir a dor e o sofrimento experimentado por estas famílias, quando o diagnóstico ainda esta fresco não se deve concentrar os pais no positivo sobre a situação, fazer isso sugere que os pais não estão autorizados a sofrer. O luto além de Bíblico é curativo, fazer qualquer coisa que venha a reprimir a necessidade de uma pessoa de sofrer não é algo saldável.⁸⁴

As famílias de pessoas com TEA precisam de apoio prático nas atividades diárias, para que os fardos sejam divididos e estas famílias não sejam sobrecarregadas.⁸⁵

Um conceito que não tenho visto na América Latina, mas que pode fazer uma grande diferença para manter um casal unido depois de muitos anos de assistência a um filho ou uma filha com deficiência, é o de possibilitar curtos períodos de descanso. Em inglês essas temporadas são chamadas de “*respire care*” e abrangem o cuidado da criança com deficiência por outras pessoas enquanto seus pais vão tomar um lanche, passar férias ou simplesmente descansar em casa. Dentro desta estratégia, podem existir modelos diferentes, desde um modelo muito profissional até o mais informal. E em nosso contexto, deve ter uma resposta bem pensada e com políticas de proteção.⁸⁶

A Igreja deve funcionar como uma família, ou a extensão desta, sendo uma comunidade de aceitação, acolhedora, que ama os rejeitados, a exemplo de Jesus agindo de acordo com seus ensinamentos e princípios de vida.⁸⁷

O aconselhamento pastoral e a visitação às pessoas com Transtorno do Espectro Autístico

O aconselhamento pastoral é um ponto essencial na vida espiritual de qualquer pessoa. As pessoas com TEA enfrentam desafios específicos e pesados, por isso deve-se preparar pastores para este ofício, que entendam suas necessidades, muitas vezes sem palavras, sendo sensíveis as necessidades de seu coração, lembrando que estas pessoas precisam de atenção e cuidados em forma de pastoreio.⁸⁸

Quando se pensa em Aconselhamento Pastoral, é imprescindível (no nosso entender) ir à fonte primária – Jesus de Nazaré. Isso quer dizer que é necessário se voltar para Deus! Ele é Emanuel, o Deus encarnado. Esta é

⁸⁴ LEE, Amy Fenton. *Leading a Special Needs Ministry*. USA. Ed. Orange. 2013 . p.10 [When the diagnosis is still fresh, do not pressure parentes to focus on the positive about the situation. Doing so suggests that the parentes aren't allowed to grieve. When they privately with me, many parentes spoke of their appreciation for friends who created a safe environment where they could express authentic feelings of sadness. Remember that mourning is both biblical and healing.].

⁸⁵ DARKE, 2015, p.182.

⁸⁶ DARKE, 2015. p.183.

⁸⁷ ARTINS, 2015, p. 108.

⁸⁸ DARKE, 2015, p .181.

uma base sólida do cristianismo. Ao pensar em Jesus de Nazaré, encontra-se alguém que teve no seu ministério uma ênfase muito grande em Aconselhamento. Percebe-se isto pela forma como Jesus se aproximava das pessoas, as ouvia, compreendia o que estava em seus corações, se identificava com seus sofrimentos – e em muitos casos curava aqueles que estavam sofrendo -, as ajudava nas suas angustias, e as consolava em suas dores. Ele era o “Maravilhoso Conselheiro”.⁸⁹

O aconselhamento com as famílias acontece em seis passos:

- Estabelecer uma relação de caráter prático, a situação no momento em que esta família vem para a igreja pode influenciar no aconselhamento;
- Perceber a situação de conflito podendo usar a técnica de entrevista circular para saber de fatos e versões de cada pessoa da família sem criar conflitos;
- Criar uma rotina de encontros, quantas vezes por semana, onde, de acordo com as necessidades;
- Formar a hipótese da situação, respondendo as perguntas: Qual é o conflito? Quem está envolvido? Quais os recursos para mudar?
- Planejar uma intervenção, motivando a família a procurar soluções e não só esperar por elas;
- Avaliar o processo, novos problemas podem surgir, avaliar a situação e as transformações.⁹⁰

Para se construir um relacionamento de proximidade com uma pessoa com TEA, visitas durante a semana tornam-se importantes para conhecer a rotina da pessoa com TEA, observando seu comportamento, para tal, primeiramente deve-se conseguir permissão para que as visitas sejam realizadas, posteriormente, visitar a casa, as terapias, a escola e as atividades extracurriculares.⁹¹

A família de uma pessoa com TEA pode ser consolada com uma concepção melhor do sofrimento em suas vidas, pois, ao viverem estes sofrimentos podem estar certas da presença de Deus em suas vidas, sabendo que Deus se compadece que se coloca ao lado em qualquer situação. Com a bênção de Deus e a solidariedade das pessoas, podem restaurar suas vidas para a glória de Deus e até ajudar pessoas que estão passando por uma situação parecida.⁹²

⁸⁹ MARTINS, 2015, p. 97.

⁹⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal. 1998. p 314.

⁹¹ FRIENDS, Joni and. *Special needs*. Califórnia: Gospel Light. 2009. p.60. [Volunteers: visiting a child's weekday world – obtain permission, build a relationship, make visits outside of class – home, therapy, school and extracurricular activities.].

⁹² MARTINS, 2015, p. 158.

Considerações finais

Diante deste trabalho, pode-se notar a necessidade de incluir as pessoas com Transtorno do Espectro Autístico nas Igrejas Cristãs, pensando não somente nelas mais em suas famílias, pois devido o comportamento apresentado pelo transtorno, as mesmas ficam impedidas de participar do Culto e das demais atividades da Igreja.

Além da adequação do espaço físico faz-se necessário que seja elaborado um material específico para as pessoas com TEA, que vá de encontro com suas necessidades, infelizmente o material quanto a esta abordagem é escasso no país e faz muita falta. Existem excelentes materiais norte-americanos que poderiam ser traduzidos servindo de ferramenta para este ministério.

A grande dificuldade está em elaborar estes recursos de forma prática e concreta dentro da Igreja, existe um número pequeno de pessoas interessadas pois é trabalhoso e dispendioso, tem que ser feito a mão já que não encontramos disponibilidade deste já pronto. Nas escolas seculares utiliza-se tais recursos, existem técnicas como o pareamento e cartões utilizados para comunicação que podem ser utilizados nas atividades da igreja e inseridos no contexto desta, na hora de contar histórias, no elaborar o quadro de rotinas e atividades de fixação.

Os visuais utilizados para se contar histórias devem ser concretos para prender a atenção das pessoas com TEA, sem muito estímulo visual, tanto no contar a história como no visual de quem conta a história para que a atenção não se disperse. As atividades de fixação devem ser compatíveis com a história visualmente para melhor compreensão.

O TEA vem ampliando sua estatística de casos a cada ano, pessoas ao nosso redor aparecem com famílias inteiras esgotadas e sem rumo, procurando alguém que acolha de forma verdadeira e importe-se com sua causa. Daí a necessidade de se estruturar a Igreja para receber estas famílias da melhor forma possível.

A integração entre estas famílias também é importante, uma pode servir de exemplo, consolo, experiências podem ser trocadas, afinal, elas tem algo em comum, um membro da família com TEA, que muitas vezes não dorme a noite; que se auto agride, colocando sua saúde em risco; alguns dias não quer comer ou come demais, várias são as dificuldades encontradas por estas famílias que juntas podem trocar experiências melhorando assim a qualidade de vida de seus membros.

Os desafios da caminhada desta família com a igreja são muitos, e o caminho é longo, mesmo porque o tempo de adaptação das pessoas com TEA é variado e pode demorar um pouco para que se acostume em um ambiente novo e aceite a rotina imposta, sempre com a cautela de estar lhe explicando o que vai acontecendo para que este venha sentir segurança.

As atividades da Igreja acontecem de várias formas como cultos, reuniões de oração, palestras, seminários, grupos pequenos ou células; independente da atividade, deve-se pensar na pessoa com TEA, se a mesma não se sente bem em um determinado ambiente seja lá qual for o motivo, a mesma deve ser alocada a um ambiente que satisfaça suas necessidades, estando da mesma forma integrada no contexto da igreja e não excluída ficando em casa porque não tem atividade direcionada.

Da mesma forma a família desta pessoa deve ter a oportunidade de participar do Culto, algo quase impossível para as pessoas com TEA, por vários fatores, como a duração do culto que ultrapassa seu tempo de atenção, músicas altas, iluminação forte e outros estímulos externos que “agridem” as pessoas com TEA; porém podem ser direcionadas a outro espaço onde voluntários especializados irão contar histórias, realizar atividades de fixação e outras dinâmicas e brincadeiras todas de acordo com sua necessidade.

O vínculo é algo de grande importância para pessoas com TEA, pois eles relacionam-se melhor com pessoas que já conhecem, portanto este vínculo deve ser formado dentro da igreja, aos poucos, sem impor, a própria rotina trará este resultado, eles tem afinidade com uns mais que outros, assim que este canal é aberto fica mais fácil a abordagem para se trabalhar com eles.

A pessoa com TEA e seus familiares devem ser integrados a igreja e sentir que cada um deles faz parte do Corpo de Cristo, assim como os demais membros da igreja, deve-lhes ser dada a oportunidade de realizar trabalhos voluntários para que sirvam dentro da igreja, no próprio ministério ou em outra atividade que se encaixem.

A compreensão da pessoa com TEA é algo que ainda está sendo estudado e deve ser preocupação dos membros da igreja, é algo impalpável, sem muitas explicações, não se sabe o quanto absorve daquilo que lhe é colocado, muitas vezes parece ser um trabalho em vão por não haver interação social, diálogo, não tem como se medir ou provar, somente Deus sabe o quanto este trabalho pode ser importante na vida destas pessoas, os voluntários e pessoas que trabalham de alguma forma com estas pessoas devem preocupar-se em lançar a semente, auxilia-los da melhor forma possível, pois o Espírito Santo de Deus se encarrega do agir e transformar estas vidas.

Na verdade, este Ministério é possível e necessário dentro das igrejas, os cristãos devem semear independentemente da colheita, o amor, expresso através das atitudes, o zelo, o cuidado, o compartilhar de uma caminhada faz diferença na vida de cada uma destas pessoas.

Referências

ALMEIDA, Antonio José. *Os ministérios não-ordenados na Igreja Latino Americana*. São Paulo: Loyola. 2007.

- BREEDING, Malessa et alii. *Deixe vir a mim todas as crianças*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- BRUECK, Kate. *Start with Hello. Introducing your Church Special needs Ministry*. Califórnia: Joni and friends. 2015.
- COLLINS, Belva. et al. Including children with mental retardation in the religious community. *Sage journals*, 33 nr 5, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004005990103300508>.
- COUTINHO, Diana. *Compreendendo a deficiência: As relações sociais e familiares*. Curitiba: Eirene do Brasil: Curso de terapia familiar sistêmica, 2005. Pg 13 (Monografia)
- DARKE, Brenda. *Deficiente. O desafio da Inclusão na Igreja*. São Paulo: Hagnos, 2015.
- Equipe diocesana de pastoral dos ministérios leigos. *Curso de preparação para ministérios leigos*. São Paulo: Ed. Paulus. 1989.
- FONTANIN, Katia Alves de Oliveira. *Introdução a Educação Especial*. Curitiba: SGEN, 2010.
- FRIENDS, Joni and. *Special needs*. Califórnia: Ed. Gospel Light. 2009.
- GRINKER, Roy Richard. *Autismo, um mundo obscuro e conturbado*. São Paulo: Larousse, 2010.
- LEE, Amy Fenton. *Leading a Special Needs Ministry*. USA: Ed. Orange. 2013.
- MARCELINO, Claudia. *Autismo – Esperança pela nutrição*. São Paulo: Ed. M Books do Brasil Ltda, 2010.
- MARTINS, Marcelo. *Autismo – Ajudando famílias*. São Leopoldo: Sinodal. 2015.
- MELLO, Ana Maria S. Ros de. *Autismo – Guia Prático*. Brasília: Ed. AMA, 2015.
- NEWMAN, Gene; TADA, Joni Eareckson. *All God's Children. Ministry with disabled persons*. Mivhigan: Ed. Zondervan. 1993.
- ORRÚ, Silvia Ester. *Autismo, linguagem e educação*. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2012.
- RENDERS, Elizabete Cristina Costa. *Educação e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2009.
- RIVERA, Kerry. *Curando os sintomas conhecidos como Autismo*. Rio de Janeiro: BvBooks, 2016.
- SILVA, Marcos. *Inclusão: Realidade ou Ilusão?* Petrópolis: Ed. Do autor, 2010, pg 23.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia Pratica no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Ed. Sinodal. 1998.
- VERBAL, Pat. *Special needs Ministry for Children*. Colorado: Ed Group. 2012.
- VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.